

Adolescência e virtualidade: vias de (des)conexão*

ALINE SÓRIA PEREIRA**
LAURA FRITZEN BINFARÉ***
RITA DE CÁSSIA PETRARCA****

RESUMO: A partir da ascensão e disseminação dos meios virtuais no mundo contemporâneo, especialmente durante a adolescência, período de intensas demandas psíquicas e sociais, este artigo pretendeu compreender de que forma se constitui o adolescente da contemporaneidade. Para isso, buscou-se discutir os possíveis impactos que o contexto sócio-histórico, cultural, econômico e virtual podem ter na constituição psíquica precoce, na construção identitária adolescente e nas modalidades de relações estabelecidas. Propôs-se a articular a teoria psicanalítica em relação ao processo adolescente com a cultura vigente, marcada pela virtualidade, através de uma revisão qualitativa e integrativa de literatura. Entendeu-se que a cultura e a virtualidade podem contribuir para falhas no processo de narcisização, contribuindo para um empobrecimento representacional e consequente prejuízo no reconhecimento da alteridade. Entretanto, ressalta-se que a virtualidade pode apresentar-se, também, com objetivo de ligação e como espaço facilitado de experimentação da tarefa adolescente, operando como via de desconexão e/ou conexão.
PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Adolescência. Virtualidade. Contemporaneidade.

Adolescence and virtuality: ways of (dis)connection

ABSTRACT: From the rise of virtual media in the contemporary world, especially during adolescence, period of intense psychic and social demands, this article sought to understand how the adolescent of contemporary society is constituted. We discussed the possible impacts that the socio-historical, cultural, economic and virtual context may have on the early psychic constitution, on the adolescent identity construction and on the modalities of established relationships. We proposed to articulate the psychoanalytic theory about adolescence with the current culture, marked by virtuality, through a qualitative and integrative revision of literature. It was understood that culture and virtuality can contribute to failures in the process of narcissization, contributing to representational impoverishment and damage in the recognition of otherness. However, it should be emphasized that virtuality can also present itself with a linking objective and as a facilitated environment for experimentation of the adolescent task, operating as a way of disconnection and/or connection.
KEYWORDS: Psychoanalysis. Adolescence. Virtuality. Contemporaneity.

* Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia (PUCRS)

** Graduada em Psicologia (PUCRS); alinesoriap@gmail.com

*** Graduada em Psicologia (PUCRS); laurafb0311@gmail.com

**** Doutora em Psicologia (PUCRS); rita.petrarca@pucrs.br

Introdução

A adolescência, na sociedade ocidental, compreende o período de passagem da infância para a vida adulta. Consiste em um processo de desenvolvimento psicosssexual marcado pela importante tarefa psíquica de ressignificação da própria história e criação de uma identidade singular. Nessa etapa, o sujeito é invadido por excessos provenientes tanto do aparelho intrapsíquico quanto do mundo externo. O adolescente depara-se com intensidades resultantes das próprias mudanças corporais, bem como da demanda pulsional de luto e abandono das representações infantis para que possa seguir rumo a novas inscrições simbólicas. Além disso, as demandas sociais vindas do mundo externo desempenham papel importante nesse processo, tendo em vista o movimento de saída exogâmica e a maior aproximação de pares neste período (Castro & Levandowsky, 2009; Macedo, Fensterseifer & Werlang, 2012).

Partindo da perspectiva psicanalítica, a constituição psíquica do sujeito exige tempo e investimento por parte de um outro. Freud (1905/1996) em seu marcante trabalho “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, define a puberdade como o momento de integração pulsional que permite o acesso à genitalidade e ao mundo adulto. A sexualidade infantil ocorre por intermédio de pulsões parciais, as quais têm como marca a primazia das zonas erógenas corporais e do autoerotismo. Neste momento, a criança tem sua libido direcionada a si mesma, operando a partir do Narcisismo Primário, o que configura o estado de Eu Ideal, onipotente, não tendo noção de alteridade (Freud, 1905/1996). A partir do gradual contato com o interdito, a lei de um dado laço social circunscrita em um determinado *zeitgeist*¹, que é representada inicialmente pela figura dos cuidadores, este sujeito situa-se na conflitiva edípica. Fiorini (2014) entende esta conflitiva, assim como Lacan, como tendo seu valor estruturante no Complexo de Castração em detrimento do Complexo de Édipo em si. Propõe-se o entendimento da conflitiva como uma metáfora que visa explicar de que modo o sujeito se introduz nos laços sociais vigentes em um dado contexto sócio-histórico.

Assim, assinala-se o valor da conflitiva na medida em que, a partir do contato com a proibição apresentada pela cultura introjetada, o sujeito pode ver-se em falta, partindo para um segundo tempo de Narcisismo Secundário. Este segundo tempo configura o estado de Ideal de Eu, no qual, frente à sua percepção de incompletude, bem como a quebra da ilusão de onipotência, a criança vê-se castrada. Consequentemente depara-se com a diferença e passa a construir a noção de alteridade. Dessa forma, pode investir sua libido em objetos externos, configurando relações exogâmicas. Durante esse período, de acordo com Castro e Levandowski (2009, p.63) ocorre um “alargamento do laço social” e a criança passa a se relacionar de maneira mais intensa com seus pares (Fiorini, 2014; Freud, 1905/1996).

¹ Termo alemão utilizado para definir o “espírito da época”. Considera o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, em um determinado período de tempo (WAGNER, 2014).

O período de latência sucede essa etapa, consistindo em uma fase do desenvolvimento psicosssexual na qual as pulsões sexuais, até então marcadas pelo autoerotismo, passam a ser investidas em outras formas de satisfação. O deslocamento do objeto da pulsão para atividades socialmente aceitas e aparentemente não sexuais acontece até que, posteriormente, na adolescência, o sujeito possa vir a integrar as pulsões, até então parciais, rumo a uma sexualidade genital (Laplanche & Pontalis, 2010; Freud, 1905/1996).

Apesar de se tratar de uma etapa de transição, a adolescência apresenta especificidades e conflitivas importantes. É uma fase que configura um paradoxo entre as renúncias infantis e as conquistas da adultez que está por vir. A começar pela perda do corpo infantil, o adolescente se vê invadido por intensidades decorrentes das rápidas mudanças fisiológicas e hormonais, tornando-se passivo na relação com seu próprio corpo. O adolescente torna-se, temporariamente, um estranho em seu próprio corpo e tem a tarefa de reapropriar-se, ressignificar-se e reconhecer-se neste novo e inevitável corpo, o qual virá a tornar-se o palco de expressão de sua subjetividade (Macedo, Azevedo & Castan, 2012; Castro & Levandowsky, 2009; Silva & Mello, 2017).

Durante o processo adolescente há a desilusão com figuras de cuidado, anteriormente idealizadas em outras fases do desenvolvimento psicosssexual, contribuindo para a tarefa de desinvestimento pulsional endogâmico e direcionamento da libido para relações exogâmicas. Tendo em vista, pela perspectiva lacaniana, a potência de determinação do sujeito por discursos, pode-se caracterizar esta fase como o período de crise de representações constituídas durante etapas anteriores nas relações intrafamiliares. Há a necessidade de reinscrever-se frente à relação e à demanda proveniente do Outro. O Outro, para Lacan, refere-se ao “universo discursivo que organiza um dado laço social” (Poli & Becker, 2012, p.202), o que inclui todo o contexto social, histórico, cultural e linguístico e entende o sujeito como efeito da relação que estabelece com este Outro. Essa relação é marcada pelo constante processo de alienação/separação. Para Lacan, o sujeito é alienado ao desejo do Outro, no sentido de estar assujeitado à demanda deste. A operação de separação consiste na tentativa deste de “desalienar-se” e tornar-se sujeito do próprio desejo (Castro & Levandowsky, 2009; Poli & Becker, 2012).

Tal processo de alienação/separação tem como tempo fundamental e marcante a adolescência, uma vez que durante este período, o adolescente a partir de sua saída exogâmica, irá sair do 1º tempo de alienação (parental) num movimento de separação. Busca ressituar-se perante o Outro, agora não exclusivamente representado pelo universo discursivo parental, uma vez que este encontra-se em crise. As representações criadas na infância, a partir das relações primárias, passam a apresentar sinais de esgotamento. Isto se dá pela percepção do adolescente de que existe um gozo para além destas relações primordiais, somada à possibilidade de novas inscrições simbólicas a partir de sua inserção em grupos de pares com outras ordens simbólicas. Desse modo, os grupos so-

ciais desempenham papel fundamental nessa etapa. Assim, por intermédio dos processos descritos, o adolescente busca a construção de sua identidade adulta (Poli & Becker, 2012). A questão da identidade ocupa lugar central na problemática adolescente, uma vez que este está situado em uma fase de transição entre a identidade infantil perdida e a identidade adulta ainda em construção. Assim, “entre a criança que não existe mais e o adulto que ainda está por vir, o espelho do adolescente é frequentemente vazio” (Ayub, 2009, p.14).

Considerando a problemática adolescente apresentada até então, bem como a perspectiva lacaniana de um sujeito que é efeito de sua relação com o universo discursivo do laço social, torna-se imprescindível que se analise o contexto social e histórico em que está inserido. O adolescente, devido ao intenso diálogo que estabelece com o laço social, justamente pela busca de referências exogâmicas no seu processo de separação, torna-se particularmente suscetível a atravessamentos de ideias culturais em seu movimento de reordenamento simbólico para a construção de sua identidade adulta. Assim, antes de responder o questionamento acerca de quem é o adolescente contemporâneo, é necessário que se realize uma análise das demandas e dos ideais da cultura contemporânea em que ele está inserido (Coutinho, 2005).

Nas últimas décadas o contexto sociocultural ocidental vem sofrendo intensas e rápidas modificações. “A cultura dá os referenciais linguísticos, os signos e as maneiras de manifestação da subjetividade. Mudanças na cultura têm implicações na forma como a subjetividade é construída” (Salles, 2005, p.34). A contemporaneidade pós-moderna assume, como sua característica marcante, a necessidade do imediatismo e a constante fluidez de enunciados, discursos e práticas identitárias. Tendo em vista a exigência contínua de transformação social que o momento sócio-histórico pressupõe, nota-se um imperativo de inovação tanto na esfera político-econômica quanto no campo das subjetividades, característico de uma sociedade de consumo capitalista (Neto & Dunker, 2004; Bauman, 2001). Birman (2012) ainda ressalta o apagamento da temporalidade e, portanto, da historização, devido a uma supervalorização do presente e do imediato.

As relações com o laço social assumem um caráter de infinitude e movimento, o que contribui para o aumento do sentimento de angústia e desamparo do sujeito frente a ausência de referências estáveis para a constituição da sua identidade (Salles, 2005). Além disso, essas referências apresentam-se através de modelos identificatórios inalcançáveis e irrealis, veiculados por meios de comunicação midiáticos. Percebe-se a busca por um ideal de individualidade e liberdade estimulado pelo contexto socioeconômico liberal. A figura jovem, geralmente vinculada a um adolescente, acaba por estar associada a uma potência desejável e torna-se objeto de desejo e consumo nesse contexto (Ayub & Macedo, 2012).

Lasch (apud Birman, 2012) enfatiza a ascensão da cultura do narcisismo na atualidade, na qual a questão da imagem apresenta-se em proporções exage-

radas, de forma a intermediar e determinar o laço social. Observa-se o importante papel da estética na formação de identidades, na medida em que estas se formam a partir da apropriação de imagens e estilos que possuem grande valor cultural simbólico, adquirindo caráter de modelo. Assim, tais modelos abrangem o estilo de vida, balizando as relações e o trânsito pelo campo social. A mídia e a virtualidade emergem no contexto da contemporaneidade de forma a tornar-se veículo de percepção de realidade, contribuindo para a construção de delineamentos identitários (Rocha & Garcia, 2008).

A multiplicidade de tecnologias de informação, de comunicação e de entretenimento se apresenta de maneira crescente no campo social, tendo grande impacto nas formas de estabelecimento de relações (Picon, et al., 2015). De acordo com os dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua realizada pelo IBGE no ano de 2017, observou-se que a internet é utilizada em 74,9% dos domicílios permanentes do país. O equipamento mais usado para o acesso à rede foi o telefone móvel celular, sendo usado por 97% da população com 10 anos ou mais que acessa à internet. Tomando-se grupos de idade como critério, pôde-se observar que, no grupo etário de 10 a 13 anos, o percentual de pessoas que utilizaram a internet no período de referência dos últimos três meses foi de 71,2%. Em relação à faixa etária entre 14 e 17 anos, o percentual foi de 84,9% de adolescentes usuários da rede virtual no período referido. No que diz respeito à finalidade do uso da internet, as ferramentas mais utilizadas foram o envio e recebimento de mensagens de texto, de voz ou de imagens, sendo usadas por 95,5% da população investigada (IBGE, 2017).

O adolescente contemporâneo pode ser considerado como integrante da primeira geração do que se chama de “nativos digitais”. São indivíduos que, de acordo com Prensky (2001, p.2), nasceram imersos em um contexto regido pela lógica da virtualidade. Em contrapartida, gerações anteriores podem ser classificadas como “imigrantes digitais”, tendo tido sua inserção no mundo digital ao longo de seu desenvolvimento. Os “nativos”, segundo o autor, circulam no universo virtual de modo a encará-lo como uma extensão do mundo real. Rosa e Santos (2015) enfatizam a existência de oposição de pontos de vista frente ao entendimento desse fenômeno. Por um lado, pode-se considerar as redes sociais e veículos de mídia como uma ferramenta que viria a incrementar e fortalecer a socialização, bem como as relações interpessoais e a criatividade. Por outro lado, é possível que se conceba a disseminação destas tecnologias como uma entrada para a lógica da cultura do narcisismo, favorecendo um crescimento narcísico-individualista, sendo contrária à tarefa de ligação com o outro. Assim, a virtualidade apresenta-se como possibilidade de conexão e/ou desconexão (Castro & Levandowski, 2009).

Tendo em vista o contexto de imperativo de instantaneidade contemporâneo, as redes sociais suprem tal exigência, fornecendo formas de comunicação imediatas que acabam por intermediar boa parte da interação social. Mais especificamente entre o público adolescente, que se encontra na tarefa de constru-

ção subjetiva e inserção social, percebe-se o espaço privilegiado que as mídias e as redes assumem (Picon, et al., 2015; Rosa & Santos, 2015).

Assim, o presente estudo buscou compreender o adolescente da contemporaneidade, como ele se relaciona consigo mesmo e com os outros e quais são as possíveis relações, impactos e atravessamentos do mundo virtual na construção da subjetividade adolescente. Propôs-se a articular a teoria psicanalítica com o contexto sócio-histórico atual, marcado pela virtualidade, e a adolescência através de uma revisão qualitativa e integrativa de literatura. A técnica de levantamento bibliográfico utilizada foi a busca por artigos nas bases de dados Google Acadêmico, Scielo e Bireme no período de setembro de 2018 a junho de 2019. Os descritores utilizados foram “Adolescência”, “Contemporaneidade”, “Psicanálise” e “Virtualidade”. Somado a isso, foi realizada pesquisa em livros e textos de autores clássicos e contemporâneos que contribuíram para o entendimento da temática. Em relação aos procedimentos de análise de dados, foi escolhida para o presente trabalho a análise interpretativa.

Discussão

Para que se possa compreender a complexidade da subjetividade humana, é imprescindível que se considere a associação, coprodução e influência do contexto sócio-histórico e cultural na constituição psíquica. Conforme exposto anteriormente, entende-se a sociedade contemporânea como caracterizada por uma fluidez de enunciados associada a um imperativo de inovação nas esferas pública e privada. Somado a isso, percebe-se a ascensão do espaço virtual como lugar de existência, por vezes entrelaçando-se ao mundo real. Observa-se, ainda, um movimento de apagamento da temporalidade e historicização em virtude de uma supervalorização do presente, exemplificada em recortes espaço-temporais em publicações digitais. Tais características de instantaneidade e virtualidade impactam nas formas de subjetivação e constituição psíquica do sujeito, indo na contramão da necessidade de tempo e investimento para o desenvolvimento de um aparelho psíquico com recursos e capacidades representacionais.

Retomando a visão da adolescência como um período de grande permeabilidade com o laço social em virtude do intenso diálogo estabelecido com o meio para a busca de referências identitárias, pode-se observar a especial suscetibilidade do adolescente à dinâmica cultural (Coutinho, 2005). Somado a isso, esse indivíduo se vê na tarefa de metabolizar intensidades provenientes de seu mundo interno e do mundo externo, muitas vezes não tendo constituído previamente capacidade representacional para tal.

Pensando-se no imediatismo e fluidez centrais da cultura contemporânea, os mesmos transformam as modalidades de relação de maneira que estas apresentam-se de forma volátil e sintetizada. Assim, pode-se considerar um prejuízo na constituição de vínculo e investimento consistentes essenciais no primeiro

tempo de vida. Estes primeiros momentos, nos quais a criança se encontra em estado de total desamparo, possuem suma importância nos rumos de seu desenvolvimento psicosssexual. O investimento do outro possibilita o início do processo de narcisização e desenvolvimento da capacidade representacional simbólica no indivíduo. A partir disso, o sujeito pode vir a integrar sua noção de Eu e, posteriormente, desenvolver a noção de identidade própria e de reconhecimento de alteridade (Savietto & Cardoso, 2006).

Tal noção pode ser evidenciada pelo relato de Ritter (2017, p.145) de que a clínica da contemporaneidade apresenta como característica comum a fragilidade do registro representacional em decorrência de falhas no processo de narcisização. Para o autor, observa-se uma nova ordem psíquica vigente na atualidade, marcada pela presença do traumático e do irrepresentável. Dessa forma, o funcionamento psíquico, pautado por outra lógica que não a da nova ação psíquica, teria como forma predominante de registro a formação de marcas não simbólicas em detrimento de inscrições de traços representacionais. A ordem simbólica, a qual encontra-se precária, é a que permite que o sujeito elabore as intensidades realizando trabalho de ligação, o qual contém a força pulsional. Entretanto, a cultura é sustentada por características como “precariedade, instabilidade, vulnerabilidade, incerteza e insegurança” (Bauman, 2001 como citado em Savietto & Cardoso, 2006, p. 24), contribuindo para um empobrecimento representacional, e um conseqüente aumento dos padecimentos marcados pela questão do vazio, por comportamentos destrutivos e aditivos, entre outros.

Seguindo pela lógica de falhas no processo de narcisização influenciadas pelo contexto contemporâneo, podemos trazer à luz o conceito de estágio do espelho de Lacan (apud Barroso, 2006). Ao desenvolver esta teoria, o mesmo postula a organização do indivíduo em torno de um Eu a partir da convergência de pulsões eróticas para a imagem de um corpo. Este corpo é tomado pelo objeto de modo a permitir que o sujeito identifique-se com a imagem especular formada pelo espelho. Partindo dessa imagem, a criança passa a constituir-se com uma noção de unidade do Eu (Barroso, 2006). Pensando-se na determinação do sujeito, não apenas pelo discurso do laço social, mas pelas imagens oferecidas por este e seus representantes, reflete-se sobre os impactos a virtualidade pode ter no oferecimento de novos enunciados para esta dinâmica. Considerando-se o estatuto do virtual como algo não real e classificando as imagens/enunciados oferecidos pelas mídias e redes sociais como virtuais, questiona-se como se constitui o psiquismo quando, por vezes, o próprio objeto de relação da criança possui esse estatuto.

A partir destes questionamentos, considera-se que o investimento de um outro - humano, real - é o que possibilita o processo de narcisização e inauguração gradual da capacidade representacional simbólico no sujeito. Assim, na falta deste, de modo a encontrar-se substituído pela tecnologia virtual, o psiquismo se constituiria com fronteiras egóicas mais frágeis. Novamente, pode-se seguir pela lógica de um empobrecimento simbólico e representacional presente e re-

sultante das características da cultura contemporânea, em especial da vigência do mundo virtual e seus enunciados.

Havendo a fragilização de fronteiras psíquicas no primeiro tempo da constituição narcísica, consequentemente pode-se pensar em um segundo momento também prejudicado. Como constituir noção de reconhecimento de alteridade quando isso pressupõe a consolidação de fronteiras do Eu? Partimos da hipótese de que as falhas no processo de narcisização, decorrentes das características da contemporaneidade virtual, impactam nas formas de reconhecimento alteritário de modo que o virtual pode ser tomado apenas como extensão de si e não como um representante de um outro. Desse modo, as relações virtuais poderiam operar a partir de uma lógica narcísica de não reconhecimento do outro na sua condição de diferença. A partir do exposto podemos hipotetizar que, ao não assumir o outro em sua alteridade, as modalidades de vinculação assumem características análogas a lógica da própria cultura: instáveis, descartáveis e fugazes.

Nessa direção, retoma-se aqui a visão lacaniana que entende o sujeito como efeito da relação que estabelece com o Outro (universo discursivo do laço social), e ressalta-se, conforme mencionado anteriormente, que o adolescente busca na cultura e no meio social referências identitárias em seu movimento de separação (saída do primeiro tempo de alienação). Ao buscar tais referenciais, o mesmo depara-se com uma cultura marcada pela vigência de um apelo excessivo à estética. A chamada “Cultura do Narcisismo” possui como ponto central a questão imagética como balizadora das relações (Birman, 2012). Dessa forma, a tarefa de construção da identidade adolescente se vê permeada e pautada pelas imagens veiculadas nos meios virtuais. Assim, percebe-se as mídias, em especial as redes sociais, como responsáveis pela disseminação em massa de ideais próprios do mundo capitalista. Este modelo capitalista, por intermédio de eleição de ideal inalcançável de poder, dinheiro e beleza, mostra aos sujeitos sua incompletude e necessidade de consumo para que possam supri-la. No entanto, tendo em vista a inatingibilidade do ideal, a aparência física surge como a via “possível” de aproximação e associação a este modelo de sucesso (Savietto & Cardoso, 2006). Neste contexto, a imagem corporal é diretamente associada ao êxito social, de forma que os atributos físicos, relacionados a um modelo de aparência desejável, passam a ter maior importância na composição identitária adolescente.

De acordo com Savietto e Cardoso (2006) a volubilidade de enunciados exige adequações constantes do corpo às modas vigentes. Assim, podemos considerar que a contemporaneidade incita o sujeito a realizar o movimento de sustentação da identidade no corpo concreto. Este corpo, físico, passa a operar como vitrine, sendo constantemente observado e avaliado, de forma que sua aparência assume a posição determinante de razão de interesse ou desinteresse de seus pares. Seguindo esta lógica, a imagem física passa a balizar não apenas a relação do adolescente consigo mesmo em termos identitários, mas também com os outros. Assim, percebe-se uma subjetividade que, talvez, exatamente por uma diminuída capacidade representacional do sujeito, ocasionada pelos

processos descritos acima, bem como pela exigência de fluidez pós-moderna com ausência de marcos identitários fixos, ancora-se em um corpo concreto, físico. Este corpo, pouco erogeneizado, assume o lugar de sustentação da identidade em detrimento de um corpo simbólico que exigiria tempo e investimento para consolidar-se como base. Entretanto, a adolescência constitui-se como período de mudanças e reestruturações corporais, de forma que o adolescente se vê em um corpo estrangeiro do qual ainda não apropriou-se. Desse modo, como o adolescente poderia sustentar sua identidade e sua inserção no meio social a partir de um corpo que ainda não reconhece como seu?

O grupo de iguais, na adolescência, assume importância exacerbada, uma vez que neste período, o adolescente busca referências exogâmicas, na tentativa de inaugurar relações de caráter horizontal. Dessa forma, tenta encontrar abrigo e pontos de identificação e pertencimento no grupo, frente à desidealização das figuras primárias. A questão da estética como balizadora das relações, abordada anteriormente, parece também ter grande influência no funcionamento e organização dos grupos de pares. Na modernidade, era possível observar a existência de tribos com diferentes núcleos identitários. Sendo assim, os grupos eram compostos por adolescentes que compartilhavam suas identificações, havendo uma diversidade de pontos identificatórios e, conseqüentemente, uma heterogeneidade dos grupos. No momento atual pós-moderno, diferentemente do que se percebia na modernidade, percebe-se uma homogeneização dos grupos, pautada no ideal contemporâneo imagético capitalista que agora pode ser veiculado massivamente e de forma globalizada no ocidente (Savietto & Cardoso, 2006). Dessa forma, os grupos passam a ser homogêneos, e a imagem corporal pauta a inclusão ou exclusão do adolescente nestes.

Associado às questões culturais e seus impactos na constituição psíquica apresentados até então, pode-se pensar que papel os novos meios comunicacionais vêm assumindo no processo de transformação social. Neste cenário, apresenta-se um ego munido de pouca capacidade simbólica, que tem a tarefa de lidar com as demandas e intensidades inerentes à fase adolescente, estando, ainda, atravessado pelas demandas do contexto sócio-cultural. Dessa forma, pode-se pensar que este ego acabaria por escoar tais intensidades em ato, operando, muitas vezes, pela lógica da descarga pulsional.

Nesta lógica, percebem-se duas vias possíveis de atuação dessas intensidades. Por um lado, a atuação pode vir como tentativa de enfrentamento dos conflitos adolescentes, via repetição elaborativa (*acting in*), ainda tendo a possibilidade de representação e simbolização. Considerando esta primeira via (elaborativa), Freud (1890/1996), aponta a importância do uso da palavra para que se realize um trabalho psíquico de elaboração e ressignificação de conflitos. Tendo em vista as múltiplas possibilidades de expressão atuais, a elaboração e ressignificação pode vir por intermédio de novas formas comunicativas. Rosa e Santos (2015) vão ao encontro de tal visão, considerando que existe a possibilidade de que os usuários das redes sociais possam expressar-se através de diferentes

linguagens, utilizando-se também de áudios e vídeos. Dessa forma, poderia se pensar na possibilidade de elaboração psíquica por via da linguagem empregada no mundo virtual.

Em contrapartida, em uma estruturação psíquica mais precária, podemos encontrar o uso das tecnologias como via de descarga de intensidade e passagem ao ato propriamente dito (*acting out*). Essa passagem ao ato localiza-se no campo da compulsão à repetição não elaborativa. Nesta segunda via citada, ligada à falha de capacidade representacional, ocasionando uma carência simbólica, o uso das tecnologias pode vir a ocupar o lugar de descarga de intensidades, como expressão em ato. Tais atos estariam marcados pela ocorrência de um esvaziamento identitário e uma exclusão da alteridade pela via da desconexão. Considerando este segundo cenário exposto, pode-se pensar, ainda, na dependência das tecnologias análoga a uma toxicomania. Assim, seu uso pode ser entendido em uma aproximação à lógica do suplemento ou da suplência, conceituada por Le Poulichet (1990, apud Torossian, 2007).

Na primeira, o uso se dá numa tentativa de evitar angústia, e, através da solicitação do olhar do outro, busca uma simbolização para a carga de afeto carente de simbolismo. Tal concepção pode ser relacionada ao conceito de *acting in*, de forma a voltar-se ao outro numa tentativa de trabalho de ligação representacional das intensidades. Na lógica da suplência, existiria um enfraquecimento simbólico mais significativo, e o uso se daria numa relação dual, impossibilitando a entrada de um terceiro, associando-se ao conceito de *acting out*. Desse modo, o uso das mídias e da tecnologia, na primeira lógica, teria, ainda, o objetivo de ligação com o outro. Por outro lado, na segunda lógica, estaria presente o objetivo de excluir-se do contato com o mundo externo, tendo caráter mais destrutivo, evidenciando o empobrecimento simbólico e implicando em um desligamento do laço social.

Por outro lado, fugindo de uma lógica patologizante em relação aos efeitos da virtualidade e da contemporaneidade, o mundo virtual, por um lado, poderia apresentar-se, também, como via de conexão e espaço facilitado de experimentação da tarefa adolescente. Picon et al. (2015) ressaltam que o menor contato presencial e a maior possibilidade de controlar o que é dito e mostrado ao outro, pode tornar o campo virtual um ambiente menos angustiante ao adolescente em sua tarefa de experimentação, construção de identidade adulta e saída exogâmica. Assim, as interações via virtualidade permitem a criação de um mundo paralelo, no qual evitam-se os impedimentos da realidade. Essa realidade alternativa que possibilita a experimentação pode operar tanto como um ensaio da futura performance adulta, sendo assim positiva e a favor da representação simbólica, quanto como uma fuga da realidade, buscando descarga de angústia não representada e abrigo em um mundo de fantasia (Picon, et al., 2015; Macedo, Fensterseifer & Werlang, 2012).

Considerações finais

O presente artigo levantou hipóteses referentes aos possíveis impactos que o contexto sócio-histórico, cultural e econômico, associado à ascensão do mundo virtual como espaço de existência, têm na constituição psíquica precoce, na construção identitária adolescente e nas modalidades de relações estabelecidas. Desse modo, concluiu-se que a cultura e a virtualidade podem contribuir para falhas no processo de narcisização, seguido por um empobrecimento representacional e conseqüente prejuízo no reconhecimento da alteridade. Assim, o corpo físico assumiria posição de ancoragem da identidade do adolescente, estando interpelado pelas imagens oferecidas pelos meios virtuais. Esse mesmo corpo assumiria, ainda, função balizadora das relações sociais, tornando-se vitrine. Além disso, ressalta-se que a virtualidade pode apresentar-se, também, com o objetivo de ligação e espaço facilitado de experimentação da tarefa adolescente, podendo operar como via de desconexão e/ou conexão.

Deve-se contemplar, também, algumas limitações ao longo da realização deste trabalho. O estudo objetivou entender os impactos da contemporaneidade virtual na constituição identitária e na dinâmica das relações adolescentes, a partir de uma revisão de literatura, não trazendo à luz da discussão aspectos clínicos ou empíricos. Além disso, deve-se ressaltar a atualidade deste fenômeno cujos efeitos começam a ser observados na geração de nativos digitais, que estão, desde o nascimento, imersos neste mundo virtual, e hoje atingem a adolescência. Assim, não foram encontradas muitas publicações que abordassem, a partir de estudos clínicos e empíricos, as conseqüências e possíveis enlances entre o mundo virtual e o mundo real ao longo do desenvolvimento psicossocial desses adolescentes.

Considerando o exposto até então, o presente trabalho não buscou esgotar a discussão acerca de um tema tão atual, de modo que apenas se começa a vislumbrar os possíveis efeitos que a virtualidade e a cultura contemporânea ocidental têm no psiquismo adolescente. Dessa forma, para além de patologizar ou ter uma visão demasiadamente otimista a respeito do fenômeno do mundo virtual contemporâneo, abrem-se questionamentos para que se pense os impactos dessa nova dinâmica.

Referências

- Ayub, R. C. P. (2009). O olhar de psicanalistas que escutam a adolescência: singularidades da clínica atual. (Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica). Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Ayub, R. C. P. & Macedo, M. M. K. (2012). A escuta da adolescência em tempos de excessos. In: Macedo, M. M. K. (org.) *Adolescência e Psicanálise: intersecções possíveis* (p. 111-126). Porto Alegre: Edipucrs.

- Barroso, S. F. (2006). O uso da imagem pela mídia e sua repercussão na subjetividade contemporânea. *Psicologia em Revista*, v. 12, n. 19, p. 92-97.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Birman, J. (2012). Subjetividades Contemporâneas. In: *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Civilização Brasileira.
- Castro, E. K. & Levandowski, D. C. (2009). Desenvolvimento emocional normal da criança e do adolescente. In: Castro, M. G. K. & Stürmer, A. (orgs) *Crianças e adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica*. (p.55-74). Artmed Editora.
- Coutinho, L. G. (2005). A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social. *Pulsional revista de psicanálise*. v. XVII, n. 181, p. 13-19.
- Fiorini, L. G. (2014) Repensando o complexo de Édipo. *Revista Brasileira de Psicanálise* n. 48(4), p. 47-57.
- Freud, S. (1996). Tratamento psíquico (ou anímico) (1890). In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 7 (p. 111-133). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 7 (p. 119-209). Rio de Janeiro: Imago.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2017). Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2017. In: *PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2017*. Rio de Janeiro.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (2010). *Vocabulário da psicanálise*, 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Macedo, M. M. K., Azevedo, B. H. & Castan, J. U. (2012). Adolescência e Psicanálise. In: Macedo, M. M. K. (org.). *Adolescência e psicanálise: intersecções possíveis* (p. 15-54). Porto Alegre: Edipucrs.
- Macedo, M. M. K., Dockhorn, C. N. B. F. & Iensen, S. A. L. (2012) A questão do padecimento na clínica psicanalítica com adolescentes. In: Macedo, M. M. K. (org.). *Adolescência e psicanálise: intersecções possíveis* (p. 91-109). Porto Alegre: Edipucrs.
- Macedo, M. M. K., Fensterseifer, L. & Werlang, B. S. G. (2012). Resignificações no processo adolescente. In: Macedo, M. M. K. (org.). *Adolescência e psicanálise: intersecções possíveis* (p. 55-71). Porto Alegre: Edipucrs.
- Macedo, M. M. K., Gobbi, A. S. & Waschburger, E. M. P. (2012). A escuta da adolescência em tempos de excessos. In: Macedo, M. M. K. (org.). *Adolescência e psicanálise: intersecções possíveis* (p. 111-126). Porto Alegre: Edipucrs.
- Maia, M. S. (2002). *Extremos da alma: dor e trauma na atualidade e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago.
- Neto, F. K. & Dunker, C. I. L. (2004). O ineditismo na adolescência: originalidade, igualdade e repetição. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, v. 7, n. 3, p. 56-66.
- Picon, F., Karam, R., Breda, V., Restano, A., Silveira, A. & Spritzer, D. (2015) Precisamos falar sobre tecnologia: caracterizando clinicamente os subtipos de dependência de tecnologia. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, v. 17, n. 2, p. 44-60.
- Poli, M. C. & Becker, A. L. (2012) Adolescência: uma abordagem na psicanálise laciana. In: In: Macedo, M. M. K. (org.). *Adolescência e psicanálise: intersecções possíveis* (p. 201-211). Porto Alegre: Edipucrs.
- Prensky, M. (2001). Nativos digitais, imigrantes digitais. *Onthehorizon*, 9(5), p. 1-6.

- Ritter, P. (2017) Neuroses atuais e patologias atuais: “o grão de areia no centro da pérola”. In: Ritter, P. Neuroses atuais e patologias da atualidade. (p. 140-147). São Paulo: Casapsi Livraria e Editora Ltda
- Rocha, A. P. R. & Garcia, C. A. (2008). A adolescência como ideal cultural contemporâneo. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 28, n. 3, p. 622-631.
- Rosa, G. A. M. & Santos, B. R. (2015). Repercussões das Redes Sociais na Subjetividade: Narcisismo, Felicidade e Elaboração Psíquica. *Psicologia em Estudo*, v. 20, n. 2, p. 285-294.
- Salles, L. M. F. (2005). Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia*. v. 22, n. 1 p. 33-41.
- Savietto, B. B. & Cardoso, M. R. (2006) Adolescência: ato e atualidade. *Revista Subjetividades*, v. 6, n. 1, p. 15-43.
- Silva, S. S., & Mello, M. M. (2017). As manifestações do desamparo em adolescentes postas em ato e no corpo. *Psicologia.pt.*, p 1-15.
- Torossian, S. D. (2007). Trajetos adolescentes na construção de toxicomanias. *Psicologia em revista*, v. 13, n. 1, p. 123-136, Belo Horizonte.
- Wagner, C. (2014). Zeitgeist, o Espírito do Tempo – Experiências Estéticas. *Rev. Cult. e Ext.*, n. 12, p21-29, USP, São Paulo.